



Enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa: uma proposta de olhar para a narrativa a partir da perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy

Hanna Jakubowicz Batoréo (Universidade Aberta, Lisboa, Portugal)

RESUMO: Propõe-se, no presente texto, discutir a noção de “enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa”, introduzido por Talmy em 2000, bem como a proposta da sua aplicação para o estudo da produção narrativa em Língua Portuguesa. A proposta de aplicação foca a produção narrativa efectuada por timorenses, falantes do Português Língua não-materna.

Palavras-chave: Linguística cognitiva; Produção narrativa; Aquisição/ aprendizagem do português língua não-materna.

Introdução

A partir da obra principal de Leonard Talmy, *Toward a Cognitive Semantics* (Vol. I: *Concept Structuring Systems* e Volume 2: *Typology and Process in Concept Structuring*), editada em 2000 pela MIT Press – um marco reconhecidamente destacado em Linguística Cognitiva dos últimos anos –, fica patente a evolução do pensamento do autor através da forma como o próprio se posiciona perante os seus escritos anteriores, como os recupera e reorganiza para os poder disponibilizar de uma forma estruturada à luz das suas convicções presentes. No entender de Talmy (1985, 2000), a Semântica Cognitiva ocupa-se do conteúdo conceptual da produção linguística, bem como da sua organização igualmente linguística, abrangendo não só o conteúdo ideacional e o experiencial, mas também o emotivo e o perceptivo, relacionando as perspectivas linguísticas e psicológicas com o objectivo de compreender a estrutura conceptual do ser humano. Além da revisão dos temas tradicionais da sua investigação das últimas décadas do século XX – a Estrutura do Evento (e muito especialmente da do Evento de Movimento e do da Causação), dos Padrões de Lexicalização, de janelas de Atenção, da Dinâmica de Forças, e das relações Figura/Fundo – Talmy (1985, 2000) envereda por caminhos novos, antes não privilegiados ou mesmo não abordados. Assim, o seu interesse vai para o estudo da cultura e o seu inter-relacionamento com a cognição. Para Talmy (1985, 2000, a cultura é biologicamente determinada e socialmente partilhada, originando o inter-relacionamento desta com a estrutura conceptual a nível individual: “**individual based cultural cognitivism**” (TALMY, 2000, Vol. 2 p. 373):

Cognitivism indicates that cultural patterns exist primarily because of the cognitive organization in each of the individuals collectively making up a society. This analysis arrives at particular positions on the issues of what is universal across cultures and what varies, of what is innate and what is learned, and of how the individual and the group are related. (TALMY, 2000, Vol. 2 p. 373).



Talmy (1985, 2000) inter-relaciona as componentes cognitiva, cultural e linguística, defendendo que o nosso cérebro constitui um sistema inato e biologicamente determinado, específico da espécie humana, cuja função principal é adquirir, praticar e partilhar cultura. A cultura, por sua vez, é entendida como constituindo um sistema cognitivo de processamento muito complexo, sistematizado e diferenciado, sendo o conteúdo deste complexo cultural constituído por padrões de carácter tanto afectivo-conceptual como comportamental:

Our general perspective is that there has evolved in the human species an innately determined brain system whose principal function is the acquisition, exercise, and imparting of culture. This system for cultural cognition encompasses a number of cognitive capacities and functions, most of which are either weak or absent in other species. (...) [I]t processes culture as a highly differentiated, systematic, and structured complex that includes certain categories of phenomena but not others. The content of this structured cultural complex pertains both to conceptual-affective patterns and to behavior patterns. (...) [C]ulture is a highly organized cognitive construction, and that little in cognition of such complex and systematic character "just happens" without specific neural provision for it. The cognitive culture system operates in each individual in accordance with its innately structured program (TALMY, 2000, Vol. 2-p. 373-374).

1. O papel da produção narrativa no sistema cognitivo da cultura

Neste enquadramento global do **sistema cognitivo de cultura**, inato, estruturado, realizado a nível individual e partilhado a nível comunitário, a **produção discursiva** – e particularmente a de carácter **narrativo** (tema desenvolvido por Talmy (2000) no capítulo 8 do Vol. 2) – é entendida como fruto deste **constructo cultural de intercâmbio narrativo** entre uma mente que conceptualiza a narrativa, i.e., quem conta uma história, por um lado, e quem a percebe e interpreta, por outro. Estudar a narrativa significa, por conseguinte, não se limitar apenas às características tipológicas do discurso narrativo (monogerado), conforme propõem os autores que operam na área da Análise do Discurso (p. ex., ADAM, 1985), mas abranger a globalidade dos contextos narrativos, fundamentos determinantes para a análise da construção das próprias histórias:

[N]arrative is understood to encompass production of a certain kind, whether these are conversational, written, theatrical, filmic, or pictorial. (...) [F]or there to be a narrative, there must at least be a **cognizant perceiver**, while narrowly construed narrative also requires a **cognizant producer**. (...) [W]e see narrative as something that by necessity is **cognitively produced** or **experienced**, rather than as anything that could exist autonomously in its own right. We believe that **it represents the operation of a cognitive system** and that its characteristics share the properties that are common across cognitive systems generally, so that it can, in turn, be used to better understand the nature of those properties. (TALMY, 2000, Vol. 2 p. 418 e 420).



O constructo proposto por Talmy é regido por padrões (i. e., estruturas específicas) de carácter afectivo-conceptual e comportamental que actuam em (i) **domínios** (i. e., áreas) da narração, sobre (ii) **estratos**, i. e., propriedades estruturais da narrativa e (iii) de acordo com **parâmetros** (i. e., princípios operacionais) baseados em normas sociais e valores elaborados e estabelecidos no seio de uma dada sociedade:

The present heuristic framework treats the narrative context in three divisions. These are the domains, the strata, and the parameters (...). In brief, **the parameters** are very general organizing principles, **the strata** are structural properties that pertain to narrative, and **the domains** are different areas within the total narrative context to which the first two sets of analytic categories can apply. (TALMY, 2000, Vol. 2, p. 421).

Os estratos constituem os subsistemas estruturantes das histórias, entrelaçando-se ao longo do processo da narração de um modo paralelo e coordenado. Entre estratos, distinguimos a estrutura temporal, espacial, causal e psicológica. Enquanto os estratos determinam a estruturação narrativa, o contexto narrativo é determinado pelas **cinco áreas**, consideradas domínios e que abrangem: (i) a narrativa propriamente dita, (ii) o narrador, i. é, o produtor da narrativa, (iii) o experienciador da narrativa, (iv) a cultura em que a narrativa, o narrador e o experienciador se situam, bem como a representação do que entendemos como (v) o mundo espaço-temporal circundante.

More specifically, some of the analytic categories pertain to what can be heuristically treated as five areas within the total narrative context, as discussed earlier. Here termed «**domains**», these are a narrative itself, the producer of a narrative, the experiencer of a narrative, the culture in which the narrative and its producer and experiencer are situated, and the surrounding spatiotemporal world. More accurately, such categories apply not only to the cognitive representations in a narrative, but also to the psychology of its producer and experiencer, as well as to our conceptual representation of the culture and the surrounding world. (TALMY, 2000, Vol. 2, p. 421-2).

Os estratos constituem o terreno de actuação dos princípios cognitivos gerais de carácter organizativo denominados **parâmetros** (cf. TALMY p. 421 e 446), que regulam a organização do (i) relacionamento entre as estruturas, de (ii) quantidade relativa, de (iii) grau de diferenciação, (iv) de estrutura combinatória, bem como o de (v) avaliação. No caso da **avaliação**, por exemplo, trata-se de efectuar a operação cognitiva de avaliar um fenómeno em função de um sistema escalar de propriedades tais como veracidade, função, importância, valor, qualidade estética ou prototipicidade.

[Evaluation] – A psychological entity can perform the cognitive operation of evaluating a phenomenon for its standing with respect to some system of properties. A system of properties of this sort is typically understood as being scalar, running from a negative to a positive. such systems of properties include veridicality, function, importance, value, aesthetic quality, and prototypicality. Thus, a



cognitive entity can assess some phenomenon at the positive pole of the scales as being true, purposeful, important, good, beautiful and standard. (TALMY, 2000, Vol. 2, p. 476).

2. O enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa: o exemplo timorense

Tendo por objectivo a aplicação da proposta talmiana à produção narrativa em contextos culturais e linguísticos diferenciados, procuramos demonstrar - nos estudos efectuados sobre as histórias desenvolvidas pelos falantes timorenses que aprendem o Português como língua não-materna (BATORÉO, 2004, 2005, 2006) - que uma caracterização pormenorizada dos **Domínios** de narração, por um lado, e dos **Parâmetros cognitivos** com o destaque especial para a **Avaliação**, por outro, constituem alicerces sólidos para uma caracterização cultural, cognitiva e linguística do público aprendente. Analisamos, para o efeito, 78 narrativas produzidas por escrito por 30 falantes de meia-idade e de ambos os sexos, residentes em Díli e professores de Português de vários graus de ensino. O levantamento foi efectuado em situações pré-determinadas do ponto de vista metodológico: 48 dos textos foram produzidos em função de dois conjuntos de estímulos visuais que desencadearam narrativas segundo um “script” pré-estabelecido (contar uma história aos quadradinhos); outros 30 constituem histórias livres, desenvolvidas sobre o tema geral de “História da minha família”.

2.1. Os Domínios da narração timorense

Quem são os narradores das histórias reunidas e analisadas? Como se pode caracterizar a cultura em que a narrativa, o narrador e o experienciador da narração timorense se situam em função do mundo espaço-temporal circundante?

Tradicionalmente, em Portugal, sabe-se pouco sobre a realidade linguística timorense. As gramáticas fornecem informação escassa e superficial, enquanto a história e a política nos ensinam que, depois de 450 anos do domínio português e 24 de ocupação indonésia, em 2002, Timor tornou-se um país independente, adoptando duas línguas oficiais: o Tétum local e a Língua Portuguesa. A escolha do Português justifica-se, nas palavras do presidente da República de Timor Leste, Xanana Gusmão, pelo peso da sua tradição: “O português é a nossa identidade histórica, que ironicamente nos foi concedida pela presença colonial”. Nas palavras de um político timorense, Francisco Guterres, trata-se de “uma opção política de natureza estratégica para afirmação da nossa identidade pela diferença que se impôs ao mundo”. Assim, a escolha da Língua Portuguesa como língua oficial de Timor-Leste – idioma cujo ensino ficou proibido durante os anos da ocupação indonésia – é vista pelas próprias autoridades timorenses não apenas em função do grande enraizamento da herança histórico-cultural portuguesa, mas também (e sobretudo) por uma decisão político-estratégica de marcar a identidade nacional timorense diante da Indonésia e da Austrália e de ressaltar a sua especificidade no contexto regional do Sudoeste Asiático e Oceânia. A proibição do ensino do Português durante a ocupação indonésia fez com que esta língua deixasse de ser falada pela população mais jovem. O bastião de manutenção da Língua Portuguesa



deve-se à geração de meia-idade (45 - 50 anos) e da mais velha, as quais iniciaram a sua escolarização ainda nos tempos da soberania portuguesa, no forte enquadramento da religião católica.

No início do terceiro milénio, é difícil falar numa cultura timorense única e homogénea. Os cerca de 800 mil timorenses falam Bahasa Indonésio, Tétum, Português, Inglês e outras mais de 30 línguas étnicas, pertencentes a duas grandes famílias linguísticas: a austronésia e a papua. A população é de origem malaia, melanésia e polinésia, com alguma influência portuguesa. Mantém uma tradição animista associada à prática generalizada do catolicismo, sem ter sofrido praticamente influências do Islão ou do Hinduísmo. Cada uma das várias etnias possui o seu património cultural que sofreu, em grau diversificado e consoante a localização, uma aculturação portuguesa, trazida sobretudo pelos missionários e sendo mais nítida ao nível espiritual, desde que, em 1514, se efectuou o primeiro contacto com a ilha de Timor, na sequência da conquista de Malaca (1511) e da procura de outras zonas de especiarias, especialmente do sândalo. Ao longo dos seus largos anos de existência, a soberania portuguesa sobre Timor foi disputada sobretudo com os holandeses, sendo a ilha dividida, em 1859, em Timor Oriental sob a soberania de Portugal, e correspondendo ao antigo reino dos Belos, e em Timor Ocidental, que coube à Holanda, e que correspondia à região chamada de Servião. Esta divisão mantém-se *grosso modo* (e depois de algum ajuste de fronteiras) até aos nossos dias, correspondendo Timor-Leste independente ao antigo Timor Oriental.

O fresco timorense acima traçado permite-nos perfilar, presentemente, um país (i) multilingue, (ii) com uma democracia recém-estabelecida, veiculada por duas línguas oficiais – o Tétum e o Português –, (iii) enraizado numa sociedade tradicional ancestrólatra (i.e., que dirige o seu culto aos antepassados), (iv) fortemente hierarquizada, sendo baseada numa (v) família extensa de cariz patrilinear e (vi) com chefaturas locais, constituídas pelos Liurais.

No que diz respeito à componente multilingue, veja-se o seguinte exemplo da simultaneidade linguística no dia-a-dia timorense:

Português em último. A conta da luz vem em inglês, o formulário para o livrete do carro em tétum, os comunicados do Conselho de Ministros em português e tudo o que tem a ver com a polícia e os tribunais quase sempre em indonésio. Os jornais publicam-se em quatro línguas (tantas páginas em português como em inglês), a televisão e a rádio locais são dominados pelo tétum e pelo indonésio. Numa delas até o inglês é mais ouvido, devido à ajuda na programação e na informação da Rádio Voz da América. (SAMPAIO, 2003).

Veja-se, igualmente, que o fenómeno de multilinguismo precisa de ser encarado, também, ao nível da família:

Tenho como língua materna o tétum, embora o meu pai tivesse como língua de nascença o mambae, a língua falada pelo maior número de habitantes de Timor-leste em 74 e, pelo lado da mãe o laclei, hoje em vias de extinção. Julgo que a opção feita pelos meus pais teria sido em conformidade com um espírito de total pragmatismo. Falando tétum, a língua comum, eu teria acesso a oportunidades que não teria



se a opção tivesse sido pelas respectivas línguas maternas.
(NORONHA, 2000, p.181)

A religião local persiste, apesar de a maior parte da população estar convertida ao catolicismo, sendo a sua conversão fruto de uma cristianização rápida e extensa, mas não profunda. O cristianismo transparece nos rituais e nas tradições, mostrando tratar-se de um dos pilares da identidade timorense, fortalecendo o pilar linguístico que lhe serviu de veículo – o da Língua Portuguesa. Conforme sublinha Thomaz (1998, p. 619-620), os missionários não foram apenas responsáveis pela assimilação da cultura portuguesa por parte dos timorenses, mas também pela disseminação de textos litúrgicos traduzidos para Tétum Praça durante a invasão indonésia, permitindo a esta variante de Tétum transformar-se em língua franca. Defende-se que a influência cultural portuguesa foi "proposta e não imposta" (THOMAZ, 2000, p. 31), ao contrário do que aconteceu com a influência indonésia, imposta pela língua, presença militar, estratégia demográfica e força económica do país vizinho. Esta particularidade deve-se, em primeiro lugar, ao facto de Portugal contar com mais de 400 anos de presença religiosa e cultural, a qual precedeu em mais de um século a presença política. Por outro lado, Timor não foi conquistado, foi abordado por mercadores privados, sendo o catolicismo aceite independentemente de qualquer relação de dominação.

Por ter penetrado na Ásia pela acção colonial, bem como pela influência dos comerciantes e da acção missionária, a Língua Portuguesa constituiu, sobretudo, o instrumento administrativo, religioso e cultural e, segundo estudiosos da área, "cimento aglutinador da identidade cultural entre os povos do Timor Oriental" (THOMAZ, 1998, p. 648).

A par do cristianismo e da Língua Portuguesa, é a língua Tétum Praça que se considera como o outro pilar da identidade timorense.

Os dois pilares funcionam numa sociedade multilingue e multiétnica, em que se calcula existirem 12 línguas diferentes (pertencentes a dois agrupamentos principais: austronésio e não-austronésio), as quais se podem dividir em 35 dialectos e subdialetos (ATLAS, 1948, p. 107). A família das línguas austronésias (ou austronésicas em: ATLAS, 2001 e 2002)) faz parte de um enorme grupo que se estende de Madagáscar a oeste, até à Polinésia, a leste.

A grande maioria das línguas timorenses filia-se na família austronésica, ou malaio-polinésica, muito provavelmente difundida graças à ocupação proto-malaia da Insulíndia e Ilhas do Pacífico. Outras línguas como o búnak, o fatulúku, e o makassai possuem, provavelmente, raízes na línguas papuas (ATLAS, 2002, p.42).

Entre os linguistas, a definição do número de línguas austronésias continua a ser um ponto de discórdia, sobretudo por ainda não se ter conseguido estabelecer uma diferença definitiva entre as línguas e os dialectos, e isto tanto por não existirem dados linguísticos actualizados sobre algumas línguas austronésias, como por os factores políticos interferirem na distinção acima referida, A grande diversidade linguística verificada em Timor não constitui um caso isolado; considera-se que a área ocupada pelas ilhas da Malásia e da Indonésia são representativas da maior diversidade linguística do mundo, onde um número aproximado de um décimo das



línguas mundialmente conhecidas é falado por apenas um por cento da população mundial (ATLAS, 2001, p.102-103).

A ilha de Timor foi primeiramente povoada pelos povos Papua, cerca de 7000 a.C. e pelos povos austronésicos, aproximadamente 2000 a.C., tendo, posteriormente, sido abordada por outros povos em migração entre a Ásia e a Austrália e o arquipélago do Pacífico. A diversidade geográfica da ilha, as guerras internas entre povos e a consequente integração de subgrupos em outros grupos étnico-linguísticos provocam uma diversidade cultural e linguística no território de tal forma que, hoje, dificilmente se podem identificar e territorializar os diferentes grupos étnicos. Um único grupo pode actualmente falar até cinco línguas diferentes, da mesma forma que uma mesma língua pode constituir a forma de expressão de vários grupos étnicos. Se atendermos apenas às características linguísticas dos povos, são reconhecíveis cerca de 20 grupos principais em Timor Leste e um número mais reduzido de dialectos. (ATLAS, 2002, p. 42).

O Tétum, que pertence ao grupo de línguas austronésias, é falado com pequenas variações em três regiões descontínuas: na região central da vertente meridional da parte oriental da ilha, em Díli e seus subúrbios e na região fronteiriça de costa a costa. As variantes mais conhecidas de Tétum são o Tétum-Téric e o Tétum-Lós, enquanto o Tétum-Praça é falado em Díli, por esta cidade ser conhecida por "Praça" pelos nativos de Timor (cf. THOMAZ, 1998, p. 619-620).

A necessidade de comunicação entre povos, especialmente com fim a trocas comerciais, originou, ao longo dos tempos, a eleição de línguas francas. É neste sentido que deve ser compreendida a expansão do tétum, língua original dos Belos, divulgada pela sua conquista da parte leste da ilha de Timor. [...] Naturalmente, a evolução linguística e as diferentes ocupações do território têm vindo a provocar o desaparecimento de algumas línguas, absorvidas por outras de maior expressão ou reduzidas a minorias circunscritas. Desde meados do século XX até hoje, as principais línguas timorenses têm mantido uma percentagem de falantes semelhante ou manifestado uma tendência para a sua diminuição, como é o caso do tocodede e do kémak. Apenas o tétum manifesta uma tendência para crescer, sabendo-se, inclusive, que, não obstante o facto de apenas cerca de um quarto da população actual o considerar como primeira língua, a maioria da população o utiliza actualmente como a sua língua veicular. [...] Em termos territoriais, à excepção do tétum, que se difunde numa área mais vasta mas descontínua, as línguas de Timor Leste possuem uma expressão bem demarcada na ilha (ATLAS, 2002, p. 42).

2.2. O parâmetro de Avaliação narrativa

A função avaliativa efectuada a nível da produção narrativa tem um longo historial na literatura linguística de especialidade, sendo, no fundo, conhecida, estudada e destacada pelo menos desde os tempos dos trabalhos sociolinguísticos sobre a produção narrativa de Labov (1967 e 1972). Na década de oitenta – com um



destaque especial para o estudo de Adam de 1985 –, a Análise de Discurso propõe focar a Avaliação como uma das macroproposições (Prop.) de que o enunciado narrativo é construído. Assim, costuma destacar-se como a primeira macroproposição (Prop. 1) a Orientação (do Alocutário no mundo da narrativa), em que se define a Situação Inicial (o quê?), os Actores (quem?), o Lugar (onde?) e o Tempo (quando?). Segue-se-lhe a Intriga (Prop. 2), em que um ou mais aspectos da Situação Inicial são postos em causa, cujo desenlace é orientado para a Resolução (Prop. 4). Antes de a Resolução ocorrer, no entanto, surge a Avaliação (Prop. 3), na qual o Narrador leva o Alocutário a fazer a interpretação dos acontecimentos narrados segundo a sua intenção comunicativa. É também através da Avaliação (que frequentemente atravessa toda a história a nível de diversos marcadores morfossintácticos, lexicais e discursivos) que o Narrador assegura a compreensão da história como um todo significativo para a interacção em que está envolvido e que, frequentemente, é directa e explicitamente correlacionada com o contexto, surgindo – privilegiadamente – na Coda narrativa.

Na proposta de Talmy (2000), as contribuições sociolinguísticas e pragmáticas anteriores são reenquadradas do ponto de vista cognitivo e contextualizadas culturalmente. A Avaliação narrativa é feita em função de um conjunto de valores, partilhado em comunidade e defendido individualmente no constructo cultural do intercâmbio narrativo.

2.2.1. O parâmetro de Avaliação nas narrativas livres

Nas narrativas livres por nós reunidas (*Corpus SF*), ao contar a(s) história(s) das suas famílias, os Narradores apresentam-se simultaneamente (i) informativos, o que confere às suas histórias um estilo contido e recatado, bem como (ii) optimistas, fazendo projecção explícita de pensamentos e sentimentos positivos para o presente e o futuro, características que lhes permitem expressão e transmissão de afectividade a nível narrativo. Seja por razões de tabus afectivos, que os possam levar a não verbalizar pensamentos negativos para não atrair infortúnios e “as forças do mal”, seja por opção racionalizada de acreditarem na construção de uma nação futura de que a família é o elemento nuclear e a força propulsora, os contadores de histórias timorenses raramente relatam um acontecimento trágico e quase nunca se queixam, transmitindo nas suas histórias uma visão de “pensamentos positivos” projectada para o futuro. A referência à infelicidade ou desventura é apenas relatada pontualmente (cf. “há tristeza, sofrimento” e “foi um dos maiores pesadelos”, na narrativa SF-T14MP, ou “um [filho] passa a vida a beber com os amigos sem pensar no futuro”, na narrativa SF-T22FP), surgindo nas narrativas *SF* remetida para o pano de fundo.

Noutros casos, é referida a contrastar com a informação positiva de grande força de projecção, que acaba por neutralizar a referência negativa anterior (cf. “Foi um grande choque, uma pena, pois com essa tenra idade tinha que enfrentar as dificuldades desta vida sozinho. (...) Foi uma alegria, uma festa quando (...)”, na narrativa SF-T23MP, ou a caracterização da família como “pobre, mas feliz” (p. ex., SF-T05MP, SF-T07MP, SF-T11MP).

Perspectivadas do ponto de vista da estrutura linguística, as estratégias de avaliação podem ser, genericamente, de carácter lexical, morfossintáctico, sintáctico



e discursivo. A análise das estratégias de avaliação utilizadas no *Corpus SF* das histórias timorenses mostra, no entanto, que nem todos os tipos estruturais ocorrem neste tipo de discurso com a mesma frequência e representatividade. Os marcadores de avaliação visivelmente mais frequentes e mais explícitos são os de carácter lexical e morfossintáctico, sendo praticamente inexistentes as estratégias sintáctico-discursivas, tais como, por exemplo, as construções enfáticas ou topicalizações. Os marcadores lexicais mais frequentes são os intensificadores de grau como 'muito' em: "a família muito modesta" (SF-T16FP) ou "uma história muito incógnita" (SF-T27MP). Ao nível lexical, destaca-se, também, a adjectivação avaliativa, como em "a minha família é uma família enorme" (SF-T22FP), "irá sofrer boas ou más [= más] consequências no futuro", "sinto uma imensa responsabilidade de como escrever" (SF-T14MP), "os rapazes foram todos bem sucedidos, casaram-se e todos tiveram filhos" (SF-T25FP) e em "O meu avô era um grande servidor dos colonialistas portugueses que na altura administravam Timor. Por ter bom comportamento e ser bastante obediente, deram-lhe como recompensa o posto de Tenente-Coronel (...)" (SF-T06MP). Tal como no último dos exemplos citados, a adjectivação de avaliação, modificada ou não por um marcador de intensidade, acompanha frequentemente outros marcadores lexicais, inerentemente avaliativos, como p. ex., 'servidor' ou 'recompensa'.

É frequente o uso dos marcadores aspectuo-temporais como o 'já' (contrastado, por vezes, com o 'ainda'), que regula as relações temporo-espaciais e de perspetivação dentro da narrativa, como em "O meu pai chama-se X. Ele tem já 65 anos" (SF-T07MP), "Os meus irmãos já se casaram e já tiveram muitos filhos. Também eu já me casei." (SF-T24FP) e em "Os quatro filhos ainda são todos solteiros. Dois já são professores e dois não têm ainda vaga para ocupar." (SF-T11MP). Tal como o 'já', surge o marcador 'sempre' (SF-T08FP), que acaba por regular as relações temporais, sobretudo quando falha o emprego dos tempos gramaticais (o Presente do Indicativo vs. o Pretérito Perfeito Simple vs. o Pretérito Imperfeito), bem como as aspectuais de iteratividade. Compare-se o seguinte exemplo: "Assim no tempo da Indonésia é proibido falar português, mas nós acompanhávamos a ler sempre os jornais e cruzadas e também quando encontramos com umas colegas sempre queremos falar com outros, por isso até agora ainda não esquecemos." (SF-T08FP). As falhas no emprego dos tempos gramaticais não é, provavelmente, muito transparente ao nível das narrativas espontâneas (cf. com o das narrativas provocadas, no capítulo seguinte), por os falantes de L2 experimentados se sentirem livres de omitirem as estruturas sintácticas cujo emprego lhes levanta mais problemas e de as substituírem por outras ferramentas linguísticas que consideram alternativas, tais como, por exemplo, os marcadores atrás referidos.

Também a modalização deontica é regulada pelo emprego da construção morfossintáctica de carácter perifrástico: 'ter de' / 'ter que' + Infinitivo, como em: "Os filhos têm de ser gratos para com os pais, não ingratos" (SF-T01FP) e "Eu tinha que trabalhar para sustentar a família. Como o meu vencimento era muito pouco, nada podia garantir. Tinha que trabalhar horas extraordinárias para fins de ajudar actividades do meu marido" (SF-T09FP).

O emprego frequente dos marcadores morfossintácticos de carácter temporal, aspectual e/ ou modal atrás referido, bem como o não emprego e/ou o não controlo de construções sintácticas nos contextos em que elas surgem tipicamente nas narrativas de L1, aponta para o uso de estratégias pragmáticas de substituição ou de estratégias linguísticas específicas de carácter alternativo, observadas noutras línguas pelos falantes de L2.

Embora os estudos desenvolvidos sobre as estratégias de avaliação no discurso narrativo ao nível de L1 prevejam o emprego de construções fixas, frequentemente idiomáticas, com colocação preferencial na coda das histórias, esta



hipótese não se confirma nas narrativas SF dos falantes timorenses. Apesar de escassa, a linguagem metafórica que dá origem a expressões fixas surge ao longo dos textos e não, especificamente, nas codas narrativas, tal como se pode observar em: “*E o nosso leme foi de ‘Não há vitória sem luta, não luta sem sacrifício e não há sacrifício sem amor’ e esse leme é que nos levou a formar a nossa família*” (SF-T09FP) ou em: “*Entretanto o casamento durou pouco tempo pois a minha mãe teve que regressar para a eterna morada depois de ter concebido 6 filhos, entre os quais eu sou o quarto.*” (SF-T27MP). Por outro lado, as expressões fixas – com graus variáveis de fixidez –, embora frequentes, nem sempre se encontram controladas na totalidade pelo falante L2. Observem-se, aqui, os exemplos de vários graus de controlo, verificados nas expressões com verbo leve ‘ter’, ‘dar’ ou ‘passar’. Mesmo no caso das expressões mais cristalizadas em que é evocado o nome da presença divina, como em: “*graças a Deus*”, “*com a bênção de Deus*” ou “*com a graça de Nossa Senhora*” (cf. SF-T02FP, SF-T14MP, SF-T22FP e SF-13FP), o seu uso nem sempre aparece automatizado, como se pode observar nas abonações parcialmente livres (p. ex., SF-T25FP, SF-T14MP e SF-T25FP).

Se a linguagem idiomática é praticamente ausente das codas narrativas das histórias espontâneas, o emprego de fechos fixos é pouco significativo. Repare-se, aqui, nos exemplos: “*E era assim a história da minha família.*” (SF-T17MP) ou “*É a história da minha família.*” (SF-T20FP).

Quanto à localização a nível do texto, as estratégias de avaliação utilizadas no *Corpus SF* surgem ao longo do discurso produzido e não especificamente na coda. Temos, assim, as estratégias de avaliação no início absoluto do discurso espontâneo bem como na parte inicial do texto, sem obrigatoriamente surgirem na abertura. É igualmente frequente a avaliação ser apresentada ao longo do desenrolar do texto, assim como nos comentários finais colocados na coda.

As estratégias de avaliação utilizadas a nível discursivo são portadoras e transmissoras de valores, que fazem parte do sistema de crenças e convicções dos contadores de histórias. Entre os valores pessoais, os narradores timorenses prezam, sobretudo, a bondade, a honestidade, a coerência, a simplicidade, a sinceridade, a justiça, o rigor e a capacidade de manifestação de amor. São precisamente estes os valores que os timorenses procuram num(a) companheiro/a escolhido/a para o cônjuge, necessários para a construção de um futuro lar e, posteriormente, uma família. Esta não é concebida apenas como uma unidade social indispensável para enfrentar as dificuldades, mas, antes, como um dever e uma responsabilidade, assumidos tanto individualmente como em conjunto com o cônjuge. A família é construída com e para os filhos, depositários da futura felicidade da nação, funcionando quer a nível nuclear quer a nível mais lato de uma família de várias gerações, quer ainda em conjunto com as famílias colaterais dos irmãos. Torna-se, assim, num núcleo comunitário numeroso, em que a unidade, a solidariedade e a reciprocidade constituem valores básicos na construção da vida melhor e mais desafogada. Trabalhar, lutar contra as adversidades e esforçar-se para sustentar, educar e garantir a instrução dos filhos é condição básica para alcançar sucesso no futuro, podendo esperar-se, em contrapartida, a gratidão e o auxílio deles na velhice, bem como paz e harmonia no futuro em geral. Estes valores funcionam igualmente ao nível da família alargada. A obediência, o sacrifício e o conceito de serviço desempenhado em prol dos outros constituem outros dos valores veiculados pelos contadores de histórias.

Note-se, ainda, que a instrução de que se fala nas histórias não constitui um valor em si só, no sentido de ser preciso ser-se instruído para se poder, por exemplo, entender melhor o mundo circundante ou enfrentar melhor as dificuldades de vida. A instrução é encarada, antes, como instrumento que permite garantir um emprego melhor na função pública, um meio de sustento estável e/ou um alicerce na construção de uma sociedade mais coesa.



Na sequência dos exemplos acima apresentados, os valores expressos ao longo da produção narrativa no *Corpus SF* podem ser classificados, quanto ao seu grau de representatividade, de modo seguinte: (i) O êxito na vida é fruto de esforço e trabalho construtivo, bem como da luta contra as adversidades e infortúnios que surgem na vida das pessoas; (ii) A família constitui um núcleo de funcionamento de uma sociedade, sendo garante da sobrevivência e da felicidade quer dos seus membros quer do povo a que pertence; (iii) A família é concebida tanto a nível nuclear, de unidade que se constrói com o cônjuge criteriosamente escolhido para o efeito e com os numerosos filhos, como no sentido lato de uma família multigeracional (avós, pais, filhos e netos) e a cooperar com as famílias colaterais (irmãos); (iv) A sobrevivência e a felicidade da família são asseguradas pela reciprocidade e gratidão: a educação que os mais velhos garantem aos seus filhos e o auxílio que os mais novos prestam à geração anterior; (v) A família construída com amor é o dever e a responsabilidade de todos os seus membros, sendo o garante da felicidade individual e da vida em comunidade.

2.2.2. O parâmetro de avaliação nas narrativas provocadas

Dada a especificidade da metodologia que está na origem da sua produção, as histórias provocadas reunidas no *Corpus HC* diferem em muitos aspectos das do *Corpus SF*. Ao contrário do que acontece no caso do discurso espontâneo, em que o narrador é totalmente livre na sua produção discursiva, sendo apenas orientado pelo tema genérico que lhe é fornecido, no caso das narrativas provocadas, os contadores de histórias são conduzidos na sua tarefa pelo conjunto dos estímulos visuais, através dos caminhos previsíveis e determinados pelos sistemas de conceptualizações e de verbalizações típicos de um determinado sistema linguístico de que são falantes. Neste caso, os narradores não têm praticamente nenhuma liberdade na tarefa que desempenham, sendo fortemente determinados não apenas no que contam, mas também no como o fazem, tanto do ponto de vista cognitivo como estritamente linguístico. Daí resultam produções muito mais curtas, mais contidas do ponto de vista da produção discursiva, isto é, obedecendo ao fio condutor da história, bem como mais “puras”, ou seja, menos “contaminadas” do ponto de vista do género discursivo produzido, visto serem menos frequentes as misturas entre o discursivo narrativo, por um lado, e o descritivo bem como o argumentativo, por outro. Se, por exemplo, a imagem de uma certa parte da história a contar apresenta, obrigatoriamente, a oposição existente entre os acontecimentos que se desenvolvem em planos diferentes, destacando o contraste entre o primeiro plano e o plano de fundo, ao nível linguístico este contraste narrativo numa língua como o Português tem que se traduzir pelo emprego contrastivo dos tempos verbais o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito. Numa situação destas, o narrador não tem praticamente nenhuma margem de liberdade, não podendo – como acontecia no caso das histórias espontâneas, em que controlava na totalidade o modo de desenvolver da história, – evitar certas estratégias linguísticas, substituindo-as por outras. Sendo obrigado a usar determinadas construções e não as dominando do ponto de vista linguístico, na ausência da possibilidade de fuga, o narrador acaba por cometer erros. É este o mecanismo que faz com que as



narrativas provocadas, embora menos extensas em termos do material linguístico reunido, sejam mais reveladoras quanto ao domínio linguístico apresentado pelos falantes que as produzem.

Apesar de terem sido avaliados inicialmente como falantes de Português L2 com bom domínio da língua e se terem mostrado contadores de histórias hábeis no caso da tarefa de narrativa livre, ao nível do *Corpus HC*, os contadores de histórias revelam deficiências ao nível da competência narrativa, sobretudo no que diz respeito aos seguintes aspectos: (i) abertura das narrativas (construção sintáctica introdutória de uma informação nova com um grupo nominal precedido por um determinante indefinido), tanto a nível da abertura absoluta (p. ex. 'era uma vez um cavalo') como nas construções apresentativas das aberturas intratextuais (p.ex., 'estava lá uma vaca'); (ii) ordem dos constituintes na frase, especialmente no caso dos verbos do tipo '*aparecer*' que exigem a ordem não-canónica do Português: VS(O) (como, por exemplo, em: 'apareceu um gato'); (iii) marcação temporo-aspectual obrigatória a nível dos tempos gramaticais, com o destaque para o contraste entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito (p. ex., em 'apareceu um cão que tinha muita fome'); (iv) contraste entre os planos narrativos, evidenciado pelo emprego dos marcadores temporo-aspectuais, com o destaque para o contraste entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito, por um lado (como em: 'andava o cavalo a pastar e de repente encontrou uma vaca'), e entre o presente e os pretéritos, por outro (tal como em: 'aparece um cão, morde-lhe o rabo e o gato fugiu'); (v) emprego das construções relativas apresentativas (como, por exemplo, em: 'havia um cavalo que andava a passear nos prados'). Assim, por exemplo, os enunciados como: "*Derrepente [= de repente] aparecia um cão, e esse também tinha muita fome*" [C-T17MCHP] ou "*Esta história conta-se sobre o cavalo.*" [T03FHCP] são reveladores (de alguns) dos aspectos acima apresentados.

Os narradores das histórias provocadas, porém, não apresentaram apenas problemas a nível das estratégias linguísticas utilizadas, mas também no que diz respeito à conceptualização da própria história. Assim, por exemplo, no caso do falante T03FHCP encontramos o seguinte desfecho da *História do Cavalo*: "*Os dois encontram [= encontram-se] como um bom [= bons] amigos e aí começam a conversar dentro do quintal. E depois a vaca amarrar [= amarra a pata do cavalo].*" [H-T03FHCP]. Este desfecho mostra claramente que o narrador não só não domina certas construções e estratégias linguísticas, típicas do Português, mas falha a contar a história tal como ela é apresentada no conjunto das imagens que se propõem desencadeá-la: "*O cavalo, depois de ter encontrado a vaca no prado, procura saltar a cerca, mas tropeça na vedação e cai. Entretanto, a vaca - auxiliada por um passarinho que traz a mala de primeiros socorros - procura ajudá-lo, ligando-lhe a pata.*" Repare-se que, neste caso, o narrador omitiu duas imagens da história, que se referiam ao momento culminante, ou seja, à queda do cavalo, reinterpretando a cena do auxílio prestado ao cavalo como um momento do seu aprisionamento, acabando por contar uma história totalmente diferente.

Se falha o tipo de história que o narrador conta, acabando por ser contada "uma outra história" (em vez de a prevista pela metodologia que desencadeia a produção das narrativas provocadas), a avaliação efectuada ao longo do processo narrativo pode, igualmente, resultar "numa outra avaliação". A apreciação global das avaliações efectuadas pelos narradores do *Corpus HC* demonstra que - ao se



debruçarem sobre as histórias dos animais da *História do Cavalo* e da *História do Cão e do Gato* - os seus autores não as apresentam como histórias de encontros ou de amizades, como por regra se pode verificar no caso dos falantes de Português L1, mas, antes, como histórias de confrontos, lutas e desencontros (tal como exemplificado no caso [H-T03FHCP]). Ao contrário do previamente esperado, estes resultados mostram que, no caso das histórias provocadas, tal como já acontecia no caso das narrativas espontâneas, os narradores timorenses contam o quê (e como) entenderem, acabando por esquivar-se às exigências formais do enquadramento metodológico e da conceptualização que ele, à partida, impõe. Esta tendência pode ser, igualmente, observada nas codas das narrativas, onde os contadores das histórias apresentam a sua avaliação final.

Nas codas do *Corpus HC* analisadas, é raro surgir um fecho final sem avaliação, como acontece, por exemplo, em: “*Assim foi a história do cavalo.*” [H-T08MCHP] ou “*Assim termina a história do cão e do gato.*” [C-T11MCHP]. Por regra, os narradores colocam na coda pelo menos a “conclusão” que tiraram da história, como acontece, explicitamente, no caso da narrativa H-T02FHCP ou comunicam o agrado por a ter contado (H-T15MHCP). Na maioria dos casos, no entanto, os contadores de histórias aproveitam a coda para avaliarem os acontecimentos narrados (frequentemente diferentes dos esperados), tal como se pode observar em: “*Dá-nos a lição para sermos corajosos a construir e desenvolver a nossa vida.*” [C-T20FHCP]. Este momento final é utilizado para veicular convicções morais e filosóficas, frequentemente em forma de uma frase feita (cf. “*Devemos ajudar o próximo nas más adversidades*” em: H-T06MHCP), procurando transmitir uma série de valores, dos quais merecem destaque: (i) cooperação, reciprocidade, ajuda mútua, unidade e solidariedade (exs. H-T06MHCP, H-T13FHCP e C-T05MCHP); (ii) luta para construir o futuro (C-T20FHCP), contrariando as adversidades (H-T06MHCP); (iii) paz e harmonia no convívio com os outros e no desempenho de boas acções (H-T05MCHP e C-T01FHCP); (iv) coragem e confiança no futuro (C-T20FHCP); (v) necessidade de lutar pelo sustento e sobrevivência (H-T01FHCP); (vi) modéstia, contrastada com vaidade (H-T05MCHP) e com soberba (H-T09FCHP); (vii) confiança na amizade: confiança nos amigos e desconfiança perante os inimigos (C-T09FCHP).

Conclusões

Baseando-nos na proposta do “enquadramento cognitivo para a estrutura narrativa”, apresentada por TALMY (2000), procurámos, no presente estudo, demonstrar que os conceitos operacionais de “Domínio” e de “Parâmetro de Avaliação” constituem instrumentos de análise indispensáveis para a determinação cognitiva do funcionamento da narração. Para tal, baseámo-nos na análise de quase oito dezenas de narrativas timorenses – espontâneas e provocadas – e, num primeiro momento, na caracterização do contexto da narração, subjacente ao conceito talmiano de “Domínio”. A população dos Narradores foi caracterizada, por conseguinte, segundo critérios de carácter cognitivo, linguístico e cultural.

Num segundo momento, foram abordados os Parâmetros de Avaliações analisados nas histórias timorenses por nós reunidas (*Corpus SF* e *Corpus HC*) e



que se traduzem pelos padrões afectivos que constroem as narrativas e que veiculam sistemas coesos de valores, característicos dos sistemas de crenças dos seus autores.

Se compararmos as Avaliações produzidas pelos mesmos falantes nos dois *corpora* reunidos, verificamos que se trata de transmissão do mesmo tipo de valores, embora a sua instanciação efectuada em cada *corpus* seja diferente, dada a especificidade temática de cada tipo de história. Assim, a Avaliação efectuada nas narrativas provocadas transmite os padrões afectivos do relacionamento existente entre o indivíduo e a sociedade em que este se insere, enquanto nas espontâneas, orientadas pelo fio condutor do tema da família, se constroem os padrões de funcionamento da extensa célula social, núcleo de uma sociedade intrinsecamente virada para o futuro. A diferença de abordagem pode, por conseguinte, ser traduzida pela diferença de focalização: se, num caso, efectuamos uma microanálise, no outro, abordamos o mesmo objecto de estudo a nível de macroestrutura.

Os valores inerentes aos padrões afectivos e transmitidos pelos contadores de histórias pertencem ao mesmo tronco comum de crenças e convicções, que se mantêm coerentes, independentemente do tipo de discurso produzido. Tanto num caso como no outro, os contadores de histórias defendem (i) o esforço e trabalho construtivo com olhos postos no futuro, (ii) efectuado em paz e harmonia, encarado com (iii) modéstia e orgulho, mas sem soberba ou vaidade, com (iv) coragem e (v) lutando com tenacidade pelo sustento dos que deles dependem e contra as adversidades com que todos se deparam. O sucesso é visto em termos colectivos: como a luta é desenvolvida no seio da sociedade, ela não pode ser concebida (vi) sem confiança nos amigos, sem reciprocidade na cooperação, sem ajuda mútua, unidade ou solidariedade.

Dado o tema específico das narrativas livres, defende-se nelas que é a no nível da família que a luta se afigura mais produtiva, permitindo, assim, alcançar êxito na vida. Cria-se, deste modo, um elo de causalidade directo entre a construção e funcionamento da família e a meta a atingir: alcançar o sucesso, tanto colectivo como individual.

A família é conceptualizada, deste modo, como um deontico constructo social, indispensável para a sobrevivência de um povo e para a criação de uma nação, valores fundamentais numa sociedade de lutadores de uma recém-estabelecida democracia.

ABSTRACT: In this paper narrative is understood to encompass production by necessity cognitively produced or experienced. It is believed to represent the operation of a cognitive system and that its characteristics share the properties that are common across cognitive systems generally, so that it can, in turn, be used to better understand the nature of those properties. The Talmian concept of "a cognitive framework for narrative structure" is applied to the analysis of narrative production of Timorese L2 speakers of European Portuguese.

Keywords: Cognitive Linguistics; Narrative production; L2 Aquisition of European Portuguese.



Referências

- AAVV. *Atlas de Portugal Ultramarino e das Grandes Viagens Portuguesas de Descobrimento e Expansão*, Lisboa: Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais, 1948. [Atlas, 1948]
- AAVV. *Timor: um país para o Século XXI*. Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, 2000. [Atlas 2000]
- AAVV. *O Atlas das Línguas. A Origem e a Evolução das Línguas no Mundo*, Lisboa: Editora Estampa, Lda, 2001. [original *The Atlas of Languages* (1996), Quatro Publishing plc (eds.)] [Atlas 2001]
- AAVV. *Atlas de Timor Leste*, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, GERTIL – Grupo de Estudos de Reconstrução de Timor Leste, Lisboa, Porto, Coimbra: Lidel, 2002. [Atlas 2002]
- ADAM, J-M. *Le Texte Narratif*, Paris, Ed. Nathan Université, 1985.
- BATORÉO, H. J. *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2000.
- _____. Evaluation Processes in L2 European Portuguese Narratives, *Psychology of Language and Communication*, 2004, Vol. 8, No. 2, p. 73-91, 2004.
- _____. Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In BOKUS, B. (ed.) (2005) *Studies in the Psychology of Child Language. Papers in Honour of G.W. Shugar*, Warszawa: Matrix, 2005, p.329-346.
- _____. Expressão de emoções e discurso: Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas por falantes não-nativos do Português Europeu. In: Actas do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa: APL, 2006.
- BATORÉO, H. J. e FARIA, I. H. Representation of Movement in European Portuguese: A Study of Children's Narrative In. K. E. Nelson; A. Aksu-Koç; C. Johnson (eds.) *Children's Language* Vol. 10, *Developing Narrative and Discourse Competence*, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2001, pp.31-54.
- HOGAN, P. C. (2003) *The Mind and Its Stories. Narrative Universals and Human Emotion*, Edinburgh, New York: Cambridge University Press.
- LABOV, W. *Language in the Inner City*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. e WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Versions of Personal Experience. In: HELM, J. (ed.) *The Verbal and Visual Arts*, London, 1967, p. 12-44.
- MCCARTHY, M. e CARTER, Ronald. *Language as Discourse: Perspectives for Language Teaching*, Longman, 1994.
- MORAIS, A. J. B. de. *O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas: Contributo para o Ensino/Aprendizagem do Português Europeu como Língua Não-Materna*, Universidade Aberta: Lisboa, 2002
- NORONHA, L. C. de. A Questão Linguística Timorense, In: *Timor: um País para o Séc. XXI*, Instituto de Altos Estudos Militares. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expansão Portuguesa, Lisboa: Atena, 2001, pp. 179-181.
- SAMPAIO, A. 'Dislexia' linguística. In: *Jornal Expresso*, 29 de Novembro de 2003.



TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I & II, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London; England, 2000, 2003 edition.

THOMAZ, L. F. *De Ceuta a Timor*, 2ª Edição, Lisboa: Difel, 1998.

_____. Timor Loro Sae: uma Perspectiva Histórica, In: *Timor um país para o séc. XXI*, Institutos de Altos Estudos Militares, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2000.

_____. *Babel Loro Sa'e. O Problema Linguístico de Timor-Leste*, Coleção Cadernos Camões, Lisboa: Instituto Camões, 2002.